

Fernanda Rodrigues Pontes¹¹Instituto Federal de São Paulo - Câmpus São Roque

As Práticas de incentivo à leitura na educação de jovens e adultos: conceito, objetivo e método.

Reading Incentive Practices in Youth and Adult Education: concept, objective and method

Resumo. Propor práticas pedagógicas adequadas para cada tipo de modalidade de ensino em prol a melhoria na aprendizagem é um desafio enfrentado para os que consideram as adversidades sociais e intelectuais na educação. Dessa forma o objetivo principal deste trabalho será apontar os aspectos considerados na elaboração das práticas de incentivo à leitura na EJA, dentro do entendimento de seus conceitos, objetivos e método. Esse trabalho é parte teórica de um estudo feito para construção de uma Dissertação de Mestrado que teve como objetivo principal compreender como são aplicadas as práticas de incentivo à leitura na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e justifica-se pelo interesse em contribuir com a melhoria da competência leitora do alunado e seu senso crítico, tirando-o da condição de ledor e tornando-o leitor. **Palavras-chave:** Metodologia de práticas de leitura; Competência leitora; Estímulo à leitura; Educação de jovens e adultos.

Abstract. Proposing appropriate pedagogical practices for each type of teaching modality for the improvement of learning is a challenge faced for those who consider social and intellectual adversities in education. Thus, the main objective of this work will be to point out the aspects considered in the elaboration of practices to encourage reading in the EJA, within the understanding of its concepts, objectives and method. This work is a theoretical part of a study done in the construction of a Master's Thesis that had as main objective to understand how the practices of encouraging reading in Youth and Adult Education (EJA) are applied and is justified by the interest in contribute to the improvement of the student's reading competence and critical sense, taking him out of the condition of ledor and making him a reader. **Keywords:** Methodology of reading practices; Reader competence; Stimulus reading; Youth and adult education.

Introdução

O incentivo à leitura é um tema relevante nas questões educacionais pela forma com que contribui para o desenvolvimento crítico e social do aluno e deve ser tratado com uma visão singular, considerando o sujeito leitor como sendo um indivíduo de experiências e interesses próprios. Bamberger (2008) corrobora essa afirmativa ao dizer o quanto é importante propor ao leitor leituras interessantes e adequadas ao seu contexto e seus interesses, criando assim o hábito da leitura.

Na Educação de Jovens e Adultos (EJA), o incentivo à leitura é também uma ferramenta de superação e vai além do letramento, reforça a proposta de uma formação cidadã e alerta para a necessidade de uma política pedagógica centrada nos problemas do analfabetismo pleno e funcional, que é um fator que desmobiliza a sociedade.

Conceito de incentivo à leitura

Nesse parágrafo, esclareceremos a diferença entre o conceito de “prática de leitura” e “incentivo à leitura”, em que o primeiro, segundo Martins (2012), está restritamente ligado à decifração da escrita e sua aprendizagem. Já o segundo é proposto como um processo de pós-

letramento e tem o intuito de criar o hábito da leitura, dessa forma, será exposto para o seu entendimento. Segundo Carvalho (1998, p. 63):

Acreditamos que a leitura-prazer ou leitura livre seja um estágio mais desenvolvido de leitura que só é atingido quando a etapa anterior, a da leitura interpretativa, tiver sido ultrapassada pelo leitor. Caracterizando sua maturidade em relação ao ato de ler.

Para Bamberger (2008), o hábito de leitura é propriamente desenvolvido pelo indivíduo, isso se dá quando o leitor se socializa com o conteúdo da leitura e desenvolve um entendimento, adquirindo conhecimento.

Diante do aqui exposto, ao ultrapassar o primeiro grau da leitura, que é o aprendizado e desenvolvimento interpretativo, parte-se para o segundo grau que é a criação do hábito. Assim se propõe o hábito – com incentivo e consciência da importância da leitura –, porém se estabelece com os interesses particulares do indivíduo.

Mostram-se importantes para o desenvolvimento intelectual: o senso crítico, a versatilidade de tipos de leitura, e sua compreensão. Segundo Martins (2012), estes se ligam por tradição ao processo de formação global do indivíduo, bem como à sua capacitação para o convívio e situação social, política, econômica e cultural.

Nesse processo, não poderíamos deixar de citar Vygotsky (1984), que enfatiza em suas obras a importância do processo de aprendizado para o desenvolvimento humano. Para ele, é um aspecto necessário e universal no processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas.

Nesse ponto, o conceito de incentivo à leitura pode se referir à forma de ensinar e aprender, refletindo na maneira que o educador e o educando se colocam diante da realidade e do contexto social de ambos.

Para Gadotti (2014), na Educação de Jovens e Adultos é primordial a ideia de que o contexto faça parte do método, para que se alinhem de forma organizada, permitindo alcançar aspirações culturais mais altas. Assim, complementa Martins (2012, p. 15), "certamente aprendemos a ler a partir de nosso contexto pessoal".

Esse conceito de incentivo à leitura já vem sendo antes considerado pelos pesquisadores Wolfgang Iser e seu parceiro Hans Robert Jauss e suas respectivas teorias – *Teoria da Recepção* e *Teoria da Estética da Recepção Literária* –, ambos fundamentam suas bases na própria crítica literária alemã.

Iser (1999) destaca a importância das contingências na interação do texto e do leitor, pressupostos que devem ser considerados nas práticas de incentivo à leitura na EJA, onde não necessariamente é explícita a realidade do alunado, mas, de qualquer forma, não pode ser negada para que haja definitivamente a interação entre o texto e o leitor. Segundo Iser (1999, p. 102):

A relação entre texto e leitor carece de um padrão de referências. Ao contrário, os diferentes códigos fragmentados pelo texto não mais são capazes de regular a interação; na melhor das hipóteses, o leitor terá que construir um código para ajustar a relação com o texto.

Para Hans Robert Jauss (1994), a interpretação do texto lido estará vinculada à sua experiência de vida e à sua experiência como leitor. Dessa forma, na citada *Estética da Recepção*, o leitor e suas experiências de leitura e sua experiência de mundo servirão como base para se

repensar o fenômeno literário, já que “a historicidade da literatura não repousa numa conexão de ‘fatos literários’ estabelecidos *post festum*, mas no experimentar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores” (JAUSS, 1994, p. 24).

Os autores focam a literatura de forma geral abordando a *Estética da Recepção*, a qual contribui com as práticas de leitura, interpretação e relação entre leitor e texto, valorizando dessa forma a figura do leitor e, sobretudo, o ato de ler.

A análise dos conceitos de leitura nos permite entender o fator de formação do sujeito leitor e crítico, contribuindo dessa forma com o processo pedagógico. Na EJA, esse processo se dá em uma realidade envolvida em graves problemas sociais, portanto, é importante destacar que há incoerências políticas, econômicas e educacionais, fatores influentes e determinantes enfrentados pelas práticas educativas que visam a uma pedagogia crítica como a prática de incentivo à leitura, a qual Saviani (2013) destaca com propriedades a partir de sua teoria pedagógica histórico-crítica.

Em sua análise na teoria pedagógica histórica crítica, o modelo de ensino se adequa aos interesses da maioria, que por sua vez são explorados pela classe dominante. Embora sendo determinado pela sociedade como se exerce a educação no Brasil, a pedagogia histórico-crítica acredita nas influências da educação sobre a sociedade, tornando-se histórica pelo seu poder de transformação social (SAVIANI, 2013).

Entende-se que a pedagogia histórico-crítica poderia ser como uma teoria pedagógica nas práticas de incentivo à leitura, pois ao despertar o senso crítico do indivíduo, essa teoria se incorpora e passa a ser histórico-crítica, pois age efetivamente ao potencializar a transformação das condições sociais do alunado.

Objetivo do incentivo à leitura

Sabe-se que o hábito da leitura é melhor desenvolvido na infância através do incentivo escolar, familiar e social. Isto posto, a escola é um ambiente que possui, ou ao menos, deveria possuir estrutura para oferecer a seus alunos condições de acesso as bibliotecas, equipadas com profissionais qualificados, ambiente e acervo atrativo. Orland (s. d, p.64) corrobora ao dizer que “[...] o leitor vai se formando no decorrer de sua existência, em suas experiências de interação com o universo natural, cultural e social em que vive”.

Ursinio [s.d.] destaca que alunos de escolas públicas e também particulares apresentam dificuldades de leitura e atribui tais dificuldades a falta de incentivo à leitura, não somente dos formadores, mas também dos familiares e da sociedade de maneira geral, neste sentido, a leitura deve ser considerada um ato social e deve ser estimulada nos ambientes escolares e familiares.

Mas vemos explicitamente que essa herança social e cultural é significativamente inexistente na vida dos indivíduos e se apresenta na baixa capacidade de leitura, na falta de domínio do código (leitura e escrita), além dos obstáculos enfrentados por muitos como a necessidade de abandono da escola para ter que trabalhar, sendo uma das inúmeras causas, diante desses danos se desperta para a importância de se pensar em práticas educativas que cresçam o senso crítico e aflorem o desenvolvimento social, diminuindo cada vez mais esses problemas evidentes.

Segundo Bamberger (2008), a leitura se mostra como um processo mental que contribui para o desenvolvimento do intelecto, estimulando a imaginação e desenvolvendo o senso crítico no enfrentamento das situações ao seu redor. Nessa concepção podemos dizer que a leitura é um fenômeno capaz de atingir o poder de transformação do indivíduo e ao mesmo tempo representa uma forma de inclusão do sujeito enquanto cidadão.

A escola faz parte desse processo, mas nem sempre alcança o objetivo proposto de formar cidadãos aptos a entender o mundo através da leitura. Para Brandão (apud Gadotti, 2012, p. 148), "a única maneira de conciliar um trabalho nessa linha em face do atual sistema é começar a criar espaços de uma prática pedagógica que possa ser assumida pelas classes populares e se colocar a serviço disso".

Gramsci (1978) acredita que à educação popular que por ele era denominada de "Escola Unitária" ou de formação humanista (em sentido amplo) de cultura geral, deveria se propor a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los levado a certo grau de maturidade, capacidade da criação intelectual e prática, e autonomia na orientação e na iniciativa.

Na educação popular as práticas de leitura deveriam se objetivar exclusivamente em gerar no leitor essa autonomia de ler o mundo. Esse é propositalmente o objetivo de incentivar a ler jovens e adultos imersos em uma sociedade subjacente, onde há hegemonia de classes em processo separatista, segundo Gramsci (1991).

Para esclarecer esse processo com uma visão pedagógica reformulada, apontam-se dois momentos simultâneos e organicamente articulados entre si:

Um momento negativo que consiste na crítica da concepção dominante (sociedade) e um momento positivo que significa: trabalhar o senso comum de modo a extrair o seu núcleo válido (o bom senso) e dar-lhe expressão elaborada com vistas à formulação de uma concepção de mundo adequado aos interesses populares (SAVIANI, 2008, p. 11).

Na Educação Popular, o aluno como objeto de estudo central, ora passivo, ora ativo, ora participativo, é caracterizado por Saviani (2009) através de alguns adjetivos representados em sua teoria pedagógica, como "ser ignorante na pedagogia tradicional". Isso torna necessária uma educação que o tire desta condição de oprimido e em desvantagem em relação aos que tiveram oportunidade de estudo – como os de classe socioeconômica superior – por isso a necessidade de transformação no modo de conceber o ensino e o papel do aluno na relação professor e aluno.

Além da orientação e da iniciativa relativa à natureza e ao processo da leitura, o objetivo do incentivo à leitura reflete e resulta em um ensino eficaz. Staiger (1973, p. 61) salientou quatro pontos e seus resultados, os quais são considerados até o momento:

a) Incentivo ao pleno uso das potencialidades do indivíduo em sua leitura, de modo a despertar bem-estar e auto realização; b) Emprego eficiente da leitura como um instrumento de aprendizado e crítica e também de relaxamento e diversão; c) Ampliação constante dos interesses de leitura dos estudantes; d) Estímulo a atitudes que levem a um interesse permanente pela leitura de diversos gêneros e para inúmeros fins.

Na Educação de Jovens e Adultos, esses pontos são extremamente relevantes, diante das dificuldades de se construir o hábito da leitura, pois, segundo Brandão (2013, p. 107) se trata de um alunado o qual "a consciência é invadida de muitos modos pelos símbolos do saber de quem o oprime através do trabalho". Brandão (2013, p. 106) complementa:

Nas experiências tradicionais dos programas oficiais de educação popular, o ensino do ler e escrever mistura à palavra à ilusão uma realidade de fantasia. O mundo que ali se mostra oculta, justamente o mundo que aqui se vive. Através de figuras, palavras, indicações de leitura, a realidade social aparece ao educando como um mundo irreal, pronto, bonito e sem conflitos.

É significativo que a instituição escolar se dedique à construção do leitor, não somente pelo aprendizado da leitura e também pelo desenvolvimento do gosto pela mesma e valorize ações que incentivem o aluno a se descobrir através do hábito de ler, pois "uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler, não é uma prática pedagógica eficiente" (BRASIL; PCN/LP, 1997, p. 58).

"Do leitor como construtor de sentidos, espera-se que processe, critique, aprecie, contradiga ou avalie o material escrito que tem diante de si" (DIAS E GOMES, 2015, p. 188). Daí a leitura entra em um processo de transformação do modo de pensar, em uma nova compreensão do mundo: crítica, criativa e comprometida, conforme a ideia de conscientização vista anteriormente tal como proposta por Paulo Freire. A partir daí, Dias e Gomes (2015, p. 189) asseveram:

Portanto, identificar e compreender as práticas sociais de leitura de um determinado grupo e sua relação com a linguagem torna possível o entendimento de como e por que essas práticas são realizadas de determinada forma e não de outra e, ainda, quais oportunidades de aprendizado construídas podem ou não gerar desenvolvimento mental.

Assim dá-se a ideia de construção metodológica de ensino referente à educação popular, com base nos elementos até agora expostos, os quais caracterizam a forma de incentivar a leitura na EJA, onde todo o processo se guia pela compreensão do indivíduo ali já formado, pelas suas próprias experiências.

Método de incentivo à leitura

O incentivo à leitura na Educação de Jovens e Adultos envolve importantes considerações, haja vista o sujeito trazer consigo uma carga de conhecimentos e experiências vividas na sociedade que o compõe. Em sala de aula, o professor tende a se atentar para essas subjetividades e considerá-las para uma melhor efetividade do aprendizado.

Essa temática nos remete aos métodos utilizados por Paulo Freire na alfabetização de adultos, o qual será considerado nesse estudo sobre práticas de incentivo à leitura, transportando-o para alunos já letrados da EJA. A partir daí, surgem alguns questionamentos como: Por que o método Paulo Freire?

Considerando os aspectos valorativos, educacionais e ideológicos da proposta de inclusão social ancoradas nas propostas de Freire já apresentadas, Fischman e Diaz (2013, p. 3) trazem respostas para essa questão, aprofundando-a um pouco mais.

O que torna a obra de Freire tão relevante? O que pode explicar tal persistência, influência e, acima de tudo, as tentativas de domesticação? Por que seu trabalho continua a influenciar, não apenas os esforços daqueles que trabalham com populações marginalizadas, mas também daqueles que trabalham nos centros de pesquisa? Talvez, a resposta mais simples seja que ainda estamos discutindo suas ideias, porque elas foram produzidas por um homem talentoso e único, que pertenceu a um grupo especial de

intelectuais, cujas palavras e ações conferem sentido e sugerem direções para uma sociedade.

Os autores defendem a ideologia de Paulo Freire dentro de um contexto educacional que aborde a busca da liberdade do indivíduo e que valorize a democratização da educação, através de uma pedagogia crítica. Os autores esclarecem que essas teorias estão sendo mundialmente discutidas, elevando sua importância.

A partir disso, Fischman e Diaz (2013, p. 4) discutem em seu artigo "Dez reflexões sobre a importância do legado freiriano" propostas de estudantes que aceitaram o desafio de compartilhar um processo de reflexão sobre a utilidade e a adequação de estudar o *Pedagogia do Oprimido* e outros textos de Paulo Freire, num curso de graduação e pós-graduação nos Estados Unidos.

Sabemos que a influência freiriana vem de resultados obtidos de forma prática por Freire através de seu método que alfabetizou centenas de adultos em quarenta dias, o qual foi apresentado ao mundo todo (SILVA, 2001).

A partir daí, Freire (2011) alertou para que se adotasse uma metodologia baseada na realidade do educando, levando em conta premissas como suas experiências, opiniões e história de vida, a fim de que a partir das informações fornecidas, o conteúdo preparado para as aulas e o material utilizado fosse ajustado e adequado a essas realidades. Neste contexto, Paulo Freire (2011, p. 43) afirma que:

A prática pedagógica da sala de aula não deve ser pensada para o educando, mas com o educando, como ele pode e deve apresentar o que de fato é para ele importante aprender. Dessa forma, o educando deixará a posição de oprimido assumindo a liberdade, caso a deseje.

As práticas pedagógicas na EJA são diferenciadas por se tratar de adultos, mas têm que ser cumpridas com o objetivo de inserção, eliminando preconceitos ou posturas sociais que levam à exclusão.

Para Freire (2011), a Educação de Jovens e Adultos hoje deve tentar aprofundar sua história, tentar dar conta de sua origem para compreender melhor sua situação atual – logo ela se traduz em uma busca conjunta entre professor e aluno na formação de palavras e temas mais significativos da vida do estudante, familiarizando-o com o seu vocabulário cotidiano.

Freire (2017) enfatiza que as práticas de leitura precisam aderir aos “textos”, às “palavras” e às “letras” daquele contexto em que a percepção é experimentada pelo aluno, e como exemplo ele relata a seguir sua própria vivência com a leitura.

A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais (FREIRE, 2017, p. 11).

Ao dizer "e não [dizer] do mundo maior dos meus pais", Freire (2017, p. 11) critica a posição do educador quando erroneamente não considera os interesses e vivências particulares de seus educandos nas práticas de incentivo à leitura. Freire (2011, p. 11) afirma que “A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”.

O letramento, portanto, é a apropriação da escrita, e o domínio da leitura é o fazer competente da leitura e da escrita. A leitura adequada, além de decodificar símbolos e facilitar uma análise reflexiva, facilita uma compreensão textual, pois não se resume a decorar algo e sim inferir fatos que não estão explícitos no texto. Assim como retrata Martins (2012, p. 17):

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que nos apresentam, aí então estamos procedendo à leitura, as quais nos habilitam a ler tudo e qualquer coisa. Esse seria digamos o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura.

Para tornar os alunos bons leitores, para desenvolver muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura, a escola terá de mobilizá-los, pois aprender a ler, e também ler para aprender, requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que conquistado plenamente lhes dará autonomia e independência (LOPES, 2013).

Respeitar o conhecimento prévio e valorizar o diálogo garante o sucesso de qualquer relação, inclusive a relação professor-aluno, pois como afirma Freire (2011, p. 21) “não há docência sem discência”.

Para tal educação de qualidade é levantada a questão sobre a formação do educador e a desmistificação do ensino, que é o confronto com a realidade, onde o educador tenta situar-se, organizar-se, decidir os destinos da educação. "A preocupação com o social e o político o leva a refletir sobre seu papel na sociedade" (GADOTTI, 2012, p. 147).

Gadotti (2012) sintetiza que é necessário antes de tudo criar nos futuros profissionais a consciência de classe e a magnitude de entender a passagem entre a consciência das coisas comuns para a consciência crítica, pois somente assim será possível solidarizar-se com as camadas populares e ainda se comprometer com os interesses dos alunos: um educador organizador da cultura e não um simples reproduzidor da cultura dominante.

Soares (2004, p. 25), acrescenta que o acesso ao mundo letrado, para as camadas populares, em geral, é dificultado ou até mesmo impossibilitado, restringindo-se à alfabetização, pois “[...] ao povo permite-se que aprenda a ler, não se lhe permite que se torne leitor”.

Transfere-se esse discurso ao ensino da leitura, ao incentivo da mesma, transformando as práticas em estratégias de desenvolvimento do leitor com foco na formação cidadã, uma experiência adquirida com a *praxis* na escola, assim como afirma Freire (1978, p. 65), "pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo"¹.

De acordo com Freire (2017), ler a palavra não é apenas preceder a leitura do mundo, mas conscientemente através das práticas da leitura poder transformá-lo.

Dessa forma, identificar e relacionar leitura adequada como estratégia a um determinado grupo torna possível o entendimento de como e por que essas práticas são realizadas e quais as oportunidades de aprendizado construtivo podem ser alcançadas.

Adequar a leitura através do Método Freiriano, de acordo com o qual se deve considerar a realidade do cotidiano do aluno, é uma estratégia prática que pode gerar resultados

¹Em Paulo Freire, *praxis* é a prática pensada e refletida.

surpreendentes, capazes de construir o hábito da leitura pelo simples prazer de ler algo que os motiva e reconstrói.

Considerando que o contato com os livros precisa acontecer de forma prazerosa, pois se apresentados meramente como manuais de atividades escolares, eles perdem sua essência e viram obrigações indesejáveis. Nessa linha, Coimbra e Solto (2012, p. 3) assim destacam:

O professor, nesse sentido, precisa fomentar o aluno para a prática da leitura que não deve ser somente uma atividade realizada em sala de aula, mas também e, principalmente, em casa, por outros recursos que não se resumem ao livro didático. A leitura precisa fazer parte do dia a dia do aluno.

Essa variação de estímulos motivadores para a leitura, bem como direcionamentos específicos à diferentes faixas etárias são exploradas por outros autores. Colomer (2003) apresenta em seus estudos hipóteses sobre as mudanças esperadas nas competências leitoras que as obras dirigidas a uma ou outra faixa de idade pressupõem.

Para Vygotsky (2015), o processo no sujeito leitor se modifica a cada nível de escolaridade e que, se bem proposto, intensificará o hábito de leitura para benefício de toda sua vida, não importando a idade e condições sociais do leitor. É relevante à preocupação de adequar leituras que serão colocadas à disposição dos alunos, pois a oportunidade do contato com essas obras pode ser o ponto-chave para uma experiência fascinante, transformando a vida do indivíduo.

Ainda Vygotsky (2015) todo o percurso não seria possível se o indivíduo permanecesse fora de certo ambiente cultural, podendo pensar, por exemplo, em um indivíduo que vive em um grupo cultural isolado, que não dispõe de um sistema de escrita, assim, se este indivíduo continuar isolado nesse meio cultural que desconhece a escrita, ele jamais será alfabetizado, dessa forma nunca aprenderá a ler.

Colomer (2008) menciona que a adequação literária é muito importante na fase inicial da formação de leitores, sendo a identificação do leitor com o texto o que torna prazeroso e permanente o hábito da leitura.

Entendemos que a adequação literária se destina à formação do leitor literário, isto é, constrói o interesse por literaturas – o que é importante –, pois a literatura traz consigo elementos históricos e culturalmente enriquecidos.

Mas o incentivo à leitura destinada a qualquer público tem o intuito de despertar o indivíduo para um universo amplo da leitura, não somente o literário. Azevedo (2004, p. 2) reforça:

É importante deixar claro: para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também que haja esforço e estes se justificam e se legitima justamente através da comunhão estabelecida.

Ainda de acordo com ele, é preciso dizer logo, “todas as “literaturas” são importantes e têm sua razão de ser. A indiferença a elas e a diferença entre elas, entretanto, pode afastar as pessoas da leitura” (2004, p. 2).

Já para Chartier (2017), as leituras são múltiplas e dão sentidos diferentes aos textos, mesmo quando esses textos tenham a clareza que o autor desejaria ver-se atribuído.

Diante do aqui exposto, resta-nos esclarecer que, sendo o universo da leitura muito amplo, faz-se necessário considerarmos somente alguns aspectos entre os vários que se apresentam como significativos ao orientar uma sessão de leitura na EJA. Segundo Bamberger (2008, p. 67):

O ensino diferenciado e individualizado da leitura precisa levar em conta não só os níveis variados de rendimento, mas também os vários interesses. Dessa maneira, os alunos não se sentem vítimas de nenhuma discriminação, embora o mestre possa observar, à revelia deles, os diversos níveis de atingimento na seleção do material de leitura que eles fazem.

Dessa forma, preocupa-se em não só despertar no leitor o gosto pela leitura, mas também em projetar um progresso tal que o habilite à versatilidade no que tange à compreensão de textos, independentemente da natureza deles.

Bamberger concorda com Paulo Freire ao dizer que “se deve dar atenção especial às motivações para a leitura que se baseiam nos interesses particulares dos estudantes” (2008, p. 68). Também faz uma inferência à futura concepção dialética da educação de Gadotti (2012) ao considerar que através de discussões, composições e observações, descobrem-se os interesses de cada aluno, e a discussão é levada a um ponto em que surge automaticamente a questão de aumentar os conhecimentos acerca de determinado assunto.

Em consequência, surge a compreensão de como se adequam as práticas de incentivo à leitura como estratégia, propondo uma formação leitora aos jovens e adultos, pois o desenvolvimento de interesses e hábitos que terão influência sobre a vida do indivíduo é de especial importância nos últimos anos de escola. Destaca-se ainda que antes de qualquer coisa devemos concentrar-nos na estimulação dos interesses existentes.

É evidente que a seleção do material pode ocasionar problemas de conhecimento superficial, mas aqui se fundamenta a importância de se criar o hábito independente do que se lê. O professor, antes de qualquer coisa, deve apresentar aos alunos os fundamentos da leitura e instrumentos necessários ao aprendizado independente.

Os valores que serão adquiridos com os livros e a leitura só serão acessíveis a quem tiver dominado as habilidades técnicas da leitura que irão garantir a competência leitora (fluência e compreensão).

A dimensão desse trabalho não nos permite assegurar ou certificar qual é o melhor método das práticas de leitura, no entanto, nos permite uma breve referência a esforços que se mostram produtivos.

“Pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo”. (Paulo Freire)

Metodologia revisão bibliográfica

A Metodologia aplicada se deu exclusivamente em um levantamento bibliográfico, o qual compôs parte teórica de uma dissertação de Mestrado na área da Educação e que seguiu a linha de pesquisa práticas educativas: currículo, ideologia e formação cultural e teve como principal objetivo compreender como são aplicadas as práticas de incentivo à leitura na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Considerações finais

Os estudos sobre as práticas de incentivo à leitura na EJA buscam a necessidade de ir além da alfabetização e efetiva o hábito da leitura, porém necessitam de uma construção formal, envolvendo um processo avaliativo que considere os elementos levantados nessa pesquisa para que se alcance melhores resultados, pois a construção do hábito da leitura se reflete na realização pessoal do indivíduo, e conseqüentemente na sociedade em que vive.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, R. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, R.J. *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL 2004.
- BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo: Ática, 2008.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Método Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1997.
- CARVALHO, Eva Lina de. Considerações sobre a prática da leitura. In: *Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento*. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- CHARTIER, Roger. *Práticas da Leitura*. São Paulo. Editora Estação Liberdade Ltda, 2017.
- COIMBRA, Liliâne Aparecida José; SOUTO, Keli Cristiane Eugenio. *A prática da leitura no processo ensino – aprendizagem da educação de jovens e adultos - EJA: um estudo na Instituição polo da cidade de Unai - MG*. Anais do SIELP. V. 2, N. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.
- COLOMER, Teresa. *Propuesta constructivista para aprender a leer y a escribir*. Barcelona: VICENS-VIVES 2003.
- _____. *A formação do leitor literário*. São Paulo: Editora Global, 2008.
- DIAS, Máira Tomayno de Melo; GOMES, Maria de Fátima Cardoso. Práticas sociais de leitura em uma sala de aula de jovens e adultos: contrastes em foco. *Educ. rev.* [online]. 2015, vol. 31, n. 2, pp.183-210. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982015000200183&script=sci_abstract&tlng=pt. Acessado em fev. de 2018.
- FISCHMAN, Gustavo E; DIAZ, Víctor H. Educação sem redenção: dez reflexões sobre a importância do legado Freiriano. *Educação Online*, [S. l.], n. 14, p. 1-24, dec. 2013. ISSN 1809-3760. (Disponível em: <<http://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/37>>. Acessado em set. de 2017.)
- FREIRE, Paulo. A alfabetização de adultos: é ela um que fazer neutro? In: *Revista Educação & Sociedade*, n. 1, set. 1978, p. 65.
- _____. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. (Coleção Leitura).
- _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- _____. *Educação como prática da liberdade*. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- _____. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. V. 22 (Coleção Questões da Nossa Época). São Paulo: Cortez, 2017.

- GADOTTI, Moacir. *Concepção dialética da educação: um estudo introdutório*. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- GADOTTI, Moacir. *História das ideias pedagógicas*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2014.
- GRAMSCI, Antônio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- _____. *Concepção Dialética da História*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: JAUSS, H. R. et al. (Org.). *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 83-132.
- JAUSS, H. R. *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- LOPES, Nataly Carvalho. *A constituição de associações livres e o trabalho com as questões sociocientíficas na formação de professores*. 2013. Faculdade de Ciências da UNESP/campus de Bauru. Tese de Doutorado. 2013. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102061/lopes_nc_dr_bauru.pdf?sequence=1. Acessado em: 02 de out de 2018.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção Primeiros Passos; 74)
- ORLAND, Eni Pulcinelli. *Discurso e Leitura*. 9ª Ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- SAVIANI, Demerval. *Educação Brasileira: estrutura e sistema*. 8. Ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.
- _____. *Educação do Senso Comum a Consciência Filosófica*. Campinas: Autores Associados, 2009.
- _____. *Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiras Aproximações*. 11. ed. Campinas, Autores Associados, 2013. (Col. Polêmicas do Nosso Tempo; vol. 40). 122 p.
- SILVA, Leonardo Werner. Paulo Freire ainda vive na sala de aula. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, terça-feira, 27 de março de 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2703200146.htm>. Acessado em 1 de junho de 2018.
- SOARES, M. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da; ZILBERMAN, Regina. *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004, p. 18-29.
- STAIGER, Ralph C. *The teaching of reading*. Paris. Unesco; Lexington; Guinn & Company. 1973. 213 p. Chapter 4: p. 61-68.
- URSINIO, Evani Álvares de. *A prática de leitura na escola: a leitura e a formação de leitor (aluno)*. [s.d.]. Disponível em: <http://www.unifan.edu.br/files/pesquisa/A%20PR%C3%81TICA%20DE%20LEITURA%20NA%20ESCOLA%20-%20EVANI%20ALVARES.pdf>. Acessado em: 14 fev. 2018.
- VYGOTSKY, L.S. *A formação Social da mente*. São Paulo: Martins Cortez. 2015.

¹Fernanda Rodrigues Pontes. Mestre em Educação e Bibliotecária; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Câmpus São Roque; Rodovia Prefeito Quintino de Lima, 2100 - Paisagem Colonial - São Roque - SP; fernandapontes@ifsp.edu.br.

Este artigo:

Recebido em: 06/2020

Aceito em: 07/2020

Como citar este artigo:

PONTES, Fernanda Rodrigues. As práticas de incentivo a leitura na educação de jovens e adultos: conceito, objetivo e método. *Scientia Vitae*, v.10, n.29, p. 11-22, jul/set. 2020.